



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a Ibrahim Nafie, do jornal Al-Ahram, do Egito

Palácio do Planalto, 04 de abril de 2005

Obs: Texto transcrito conforme edição publicada pelo Jornal em 08/04/2005

Jornalista: Em uma época em que o conhecimento convencional que todo o mundo tem de que o governo democrático está intimamente ligado às economias irrestritas de mercado, alguns países da América Latina, e especialmente o Brasil, sob a sua liderança, parecem estar oferecendo um caminho alternativo, no qual a dimensão social está inserida no âmago da democratização e da regulação da economia de mercado. O senhor poderia comentar a esse respeito?

Presidente: Para começar, deixe-me dizer que, quando se chega ao poder, freqüentemente acontece de não sabermos o que queremos, mas o que podemos fazer. Meu primeiro desafio ao me tornar Presidente, foi de que o país que eu estava dirigindo, havia perdido toda a sua credibilidade nos mercados estrangeiros. Não havia fundos para investimento, a taxa de risco de investimento havia atingido 2.200 pontos, o débito nacional estava extremamente alto e 47% dele tinha ligação com a taxa cambial do dólar. O que eu poderia fazer em uma situação dessas?

A primeira coisa que tínhamos a fazer era cuidar, de forma séria, de nossas políticas monetárias. Percebemos que, como o país tinha recursos limitados, não poderíamos gastar além de nossa capacidade. Ao mesmo tempo, sabíamos que tínhamos que dar início a algumas políticas sociais muito ousadas.



Ao longo dos dois últimos anos, obtivemos êxito na redução da taxa de risco de investimento e na redução da parcela do débito nacional ligada ao dólar para algo em torno de cinco e seis por cento. Conseguimos, também, elevar a taxa de crescimento da economia nacional para 5.2%, que foi a maior taxa de crescimento vista no Brasil desde 1991. Durante esse período pudemos, também, criar 2.5 milhões de novas oportunidades de emprego, que foram também um recorde, já que foi a maior quantidade de novos empregos desde 1992. Vimos, também, taxas de crescimento industrial mais elevadas do que nos últimos 18 anos. Além disso, o volume global de salários cresceu nos setores mais organizados do trabalho.

Dentro dessas políticas, começamos a implantar políticas sociais nunca vistas antes no Brasil. Estabelecemos o projeto Fome Zero, que é um programa multifacetado que abrangeu a reforma da agricultura, um programa de pequenos empréstimos e um programa de assistência financeira familiar. Todos eles estão interligados. Por exemplo, em dezembro último, o programa de assistência à família conseguiu atingir 6.5 milhões de famílias, e esperamos que esse número chegue a oito milhões até o final deste ano, e a 11 milhões até o final de 2006. Quando chegarmos a esse número, o programa terá atingido todas as famílias brasileiras enquadradas abaixo da linha da pobreza, levando em consideração o fato de que a quantidade de famílias que estão abaixo da linha da pobreza estará, com certeza, diminuindo devido ao crescimento geral da taxa de crescimento econômico.

Gostaria também de acrescentar que, a fim de obter este auxílio financeiro (que não é muito - \$30 por mês), as famílias devem atender certas condições de um valor social mais amplo. Toda criança da família que tenha abaixo de 14 anos deve comparecer à escola regularmente. Os beneficiários devem garantir que suas crianças recebam todas as vacinas estabelecidas, que é um direito da criança. Precisam também garantir que toda mulher grávida na família faça todos os exames pré-natais.



Além do programa de pequenos empréstimos, estabelecemos um outro para os trabalhadores. Este último funciona por intermédio dos sindicatos de trabalhadores, que fizeram acordo com os bancos para que os trabalhadores pudessem fazer empréstimos a serem pagos em um espaço de tempo de um a três anos, a uma taxa menor do que a metade das taxas praticadas no mercado. O programa foi, de forma surpreendente, um sucesso, e agora nós o estendemos também aos aposentados. Até o final do ano, esperamos que a quantidade de pensionistas que fizeram este tipo de empréstimo tenha atingido seis ou sete milhões.

Na reforma da agricultura, o nosso programa para aumentar a produção baseou-se na idéia de que, a tarefa mais importante a esse respeito, era a de ajudar os milhares de pessoas que viviam no campo a se tornarem produtivas. Elas precisavam de mais ajuda técnica, elas precisavam de empréstimos, e precisavam de um guarda-chuva seguro para sua produção. Nós providenciamos essas coisas, e elas estimularam um crescimento na agricultura familiar.

Deixe-me dar outro exemplo. No Brasil, o pobre não tinha direito a tratamento dentário gratuito. O cuidado com os dentes era visto como algo luxuoso por ser tão caro, então os programas de saúde nunca fizeram provisão para tratamento dentário. Isto significa que, se os pobres sofressem qualquer dor em seus dentes, eles geralmente os perderiam. Nossa resposta a esse problema foi estabelecer 400 clínicas de tratamento dentário, cada uma cobrindo uma área com população de meio milhão de habitantes. As clínicas oferecem toda a variedade de tratamento e de serviço dentário. Esperamos alcançar o resto do país nos 15 próximos meses.

Por que fazemos tudo isso? Simplesmente porque queremos mostrar que se pode ter políticas monetárias estritas e cumprir com todas as obrigações financeiras e, ao mesmo tempo, implementar políticas sociais fortes e bastante efetivas. Ainda tenho um ano e meio para provar isso e para mostrar



que podemos fazer. Estou altamente convencido de que faremos grandes realizações.

Jornalista: O Partido Brasileiro dos Trabalhadores parece oferecer um modelo novo e único do partido político moderno e do princípio de unidade na diversidade. O senhor poderia dar detalhes do conceito que está por trás desse modelo, bem como de seus sucessos e desafios?

Presidente: Estou convencido de que as conquistas do Partido dos Trabalhadores estão relacionadas ao seu exercício da democracia com diversidade. O partido foi criado juntamente pelos trabalhadores das indústrias de minério, intelectuais de esquerda, membros da Igreja Católica que sustentam a liberação da teologia, por um grande segmento do movimento estudantil e por um grande grupo que representa outros movimentos sociais organizados. O partido tira a sua força, precisamente dessa diversidade, que nunca foi permitida nos partidos comunistas tradicionais.

Esta diversidade também foi o que permitiu ao Partido dos Trabalhadores se apresentar como uma nova força política. Entretanto, não afirmamos que o Partido Brasileiro dos Trabalhadores oferece um modelo que pode ser imitado por outros países. Em assuntos políticos, as pessoas têm que ter por base suas experiências na própria história e sua própria cultura política. Elas não podem confiar em modelos que não são delas. No entanto, ênfase que a mente aberta no debate político doméstico e o exercício da democracia em sua totalidade foram os fatores que permitiram ao Partido Brasileiro dos Trabalhadores se transformar em um grande partido político.

Este fato teve um impacto muito positivo nos vizinhos do Brasil. Nossa experiência foi altamente enriquecedora, para mim pessoalmente, e acredito que para o povo brasileiro como um todo. Do ponto de vista sociológico, antigamente era inconcebível criar um partido com essas características, um



partido no qual os trabalhadores tivessem tanta influência decisiva e no qual os intelectuais brasileiros participassem do processo de construção, não competindo com os trabalhadores, mas adicionando seus esforços aos esforços dos trabalhadores. Posso lhe dizer que muitas vezes brigamos entre nós, mas quando tomamos uma decisão, todos nós a tomamos de maneira séria. Lembro-me de uma época em que tínhamos um congresso de apenas oito membros (a partir de 50, originalmente) e, desses, tivemos que demitir três.

Jornalista: Porto Alegre foi o berço do Fórum Social Mundial, por iniciativa de seu partido e dos movimentos sociais brasileiros. Na sua opinião, até que ponto o Fórum Social Mundial alcançou seu objetivo de oferecer uma “globalização de baixo” como alternativa para a “globalização de cima” neoliberal, representada pelo Fórum Econômico Mundial de Davos?

Presidente: Precisamos entender o significado mais amplo do Fórum Social Mundial. Se esse fórum tivesse acontecido apenas como forma de protesto e oposição, ele não teria sobrevivido. O conhecimento das organizações que organizaram o último fórum (em Porto Alegre, no mês de janeiro) evidencia-se na sua iniciativa de criar uma nova agenda que permitisse que elas, sistematicamente, levassem os governos a se preocupar com o seu comportamento. Deve-se esperar que essa agenda seja adiantada por partidos políticos, sindicatos, igrejas e vários movimentos sociais, com o objetivo de forçar os governos a permanecerem com o seu compromisso de cumprir as metas projetadas do plano de desenvolvimento do milênio (adotado pela Assembleia Geral da ONU, em 2000). Sem uma mobilização de base maciça em escala global, as nações ricas não darão nenhuma atenção aos objetivos do milênio porque elas já atingiram suas metas.



Os objetivos do milênio destinam-se a nações pobres e em desenvolvimento. No entanto, se as nações ricas permanecerem relutantes em investir dinheiro para ajudar no desenvolvimento dos países mais pobres, esses objetivos não valerão mais do que o papel no qual estão escritos, e os pobres continuarão a ter que sustentar a carga dos débitos sobre os quais eles não tiveram responsabilidade.

Esse era o motivo por trás da proposta conjunta feita pelo presidente francês, Jacques Chirac, pelo primeiro ministro espanhol, Jose Zapatero, pelo presidente chileno, Ricardo Lagos, e por mim, convidando para a criação de um novo fundo para ajudar os países pobres a combater a fome e a atingir os objetivos do milênio. Nós planejamos finalizar este projeto durante o encontro da Assembléia Geral da ONU, em setembro.

Nessa oportunidade, milhares de pessoas se reunirão do lado de fora do prédio da ONU para nos pressionar e especialmente às nações ricas, a fazer tudo que estiver a seu alcance para ajudar os países mais pobres da África.

Estou satisfeito com o Fórum Social Mundial. Acabei de chegar de lá. É um local onde encontramos alguns amigos de longas datas e com muitas pessoas que me apóiam, bem como com muitas que diferem de mim. Em 2003 participei do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, e depois fui para Davos participar do Fórum Econômico Mundial. Foi uma experiência incrível para mim, ir a Davos para dizer exatamente as mesmas coisas que eu havia acabado de dizer em Porto Alegre. E por que não? Se eu estivesse satisfeito apenas em discursar para os convertidos, o resultado seria zero. Mas, ir a Davos levando um tipo de mensagem completamente diferente dessa, poderia ajudar a trazer algumas mudanças na maneira como aquelas pessoas se comportam. É por isso que era muito importante que eu participasse de ambos os fóruns, e continuarei a fazê-lo enquanto puder.

Eu sempre disse que devemos fazer da “fome” uma questão política. Enquanto a fome permanecer sendo uma questão puramente social, ninguém



dará atenção a ela. Uma pessoa que faz três refeições por dia nunca entenderá o sentido de fome, e nunca será uma prioridade para ela.

Portanto, nós colocamos esta questão no Fórum Social Mundial e, anteriormente, na reunião do G8, em 2003. Mesmo assim, não obtivemos sucesso na criação de um fundo internacional para combater a fome.

Entretanto nós, no Brasil, temos experiência pioneira no combate à fome e é raro o líder que hoje não se refere a essa necessidade em seus discursos.

Em setembro último, durante o encontro da Assembleia Geral da ONU, no qual 60 chefes de Estado estiveram presentes, 113 nações assinaram a obrigação de combater a fome. Então, houve progresso, não tão rápidos quanto necessário ou como gostaríamos que fosse.

Deixe-me voltar a Davos e contar-lhe uma estória interessante. Mesmo em Davos, eles começaram a falar sobre a fome. Mas um dos mais importantes acontecimentos, no encontro de janeiro último, foi a Sharon Stone estar lá. Enquanto o presidente da Tanzânia falava sobre como as crianças na África sofrem com o ataque de mosquitos, devido à falta de mosquiteiros, a famosa atriz americana levantou-se e anunciou que doaria \$10,000 para a compra de mosquiteiros para as crianças da África. Então, ela desafiou os participantes a cobrir o seu lance. Em um espaço de dez minutos, foi coletado um milhão de dólares. Eu acredito profundamente que nós, como seres humanos, somos metade razão e metade coração. Quando nós nos dirigimos à consciência das pessoas e a seus corações, nós temos maior oportunidade de criar seres humanos mais nobres e mais humanos.

Jornalista: Qual é a sua posição sobre a integração regional no hemisfério ocidental, em geral, e sobre a ALCA, em particular? E o senhor vê as negociações de livre comércio entre o Mercosul e a União Européia como uma alternativa para a ALCA?



Presidente: Uma das lições mais importantes da minha vida eu aprendi durante um encontro dos países da Península Ibérica (Espanha e Portugal), e dos países da América Latina, que aconteceu próximo à conferência de Davos, em 2003. Quando os países pobres vão conversar com os países ricos, eles geralmente falam sobre a miséria e a desgraça causada pela pobreza. Nós somos pobres. Temos crianças dormindo nas ruas. Temos comércio de crianças. Acusamos o imperialismo americano. Acusamos a União Européia. Acusamos o Japão. Estamos sempre procurando uma parte culpada para tirar o problema de cima de nós. Após ouvir vários de meus colegas falarem neste sentido, saí do encontro. Tive a certeza de que ninguém respeita o outro por causa de sua pobreza e desgraça. Se nós não criarmos expectativas positivas e esperança real, ninguém nos dará uma segunda oportunidade. Se, ao invés de fazer reclamações nós falássemos sobre soluções, então não haveria toda essa pobreza e miséria no mundo.

Então, eu saí daquele encontro com a convicção de que temos que começar a juntar aqueles países que têm condições similares, têm economias similares, e estão em níveis similares de desenvolvimento e trabalham primeiro para fortalecer as relações entre eles. Então, juntos poderemos tomar medidas práticas e efetivas para convencer as nações ricas a mostrar maior flexibilidade em suas negociações conosco.

Se o Egito tomar uma direção, o Brasil outra, e o México e a Índia tomarem suas próprias direções, ninguém será beneficiado, exceto aqueles que dominam os vários fóruns internacionais e, especialmente, a OMC. No entanto, quando nós nos juntarmos para defender nossos interesses comuns e fortalecermos nossas relações, então tudo será mais fácil.

Vamos ver o que o Brasil pode exportar para o Egito e o Egito para o Brasil. O que nossos empresários podem fazer para criar uma parceria entre eles. Se nós tivermos sucesso na criação de relações nesse nível, seremos cada vez capazes de ter sucesso e, mais importante, talvez, seremos menos



dependentes dos blocos dominantes. Quanto mais autonomia tivermos, mais eles nos ouvirão.

É por isso que nós escolhemos a alternativa de primeiro reunir todas as nações sul-americanas. Na América do Sul, os presidentes fazem centenas de viagens à Europa, e centenas mais para os Estados Unidos, mas raramente eles visitam outro país sul-americano. O Brasil faz fronteira com todos os outros países da América do Sul, exceto Equador e Chile. Então, quando nós falamos sobre integração, podemos falar sobre estradas, linhas de comunicação, portos marítimos e aeroportos. Se nós não construirmos todas essas coisas, então todos os nossos discursos não serão mais do que palavras ao vento, e continuaremos prisioneiros da pobreza por mais um século.

Então, decidimos reunir os países da América do Sul. Depois, decidimos voltar a nossa atenção para a África e o mundo árabe. Por que? Porque naquela parte do mundo também, os líderes geralmente preferem ir para os Estados Unidos ou para a Europa, ao invés de ir para outro país do Sul. Precisamos entender que todos nós temos muito a oferecer uns aos outros. Há muito que podemos fazer para ajudar uns aos outros. Isso não é às custas de nossas relações com a União Européia ou com a Europa. No que se refere ao Brasil, eles são nossos maiores parceiros comerciais e não é nosso interesse criar problema com eles. Tudo o que eu quero é ter relações mais equilibradas e mais justas com eles.

Minha experiência no sindicato me ensinou a manter a cabeça fria em todos os momentos. Ao longo do tempo, aprendi que um bom diálogo geralmente produz muito melhores resultados do que brigas, e aprendi como fazer política através do diálogo. Acredito que é a melhor forma de conduzir política neste mundo globalizado.

Obtivemos muito sucesso dessa forma. Naturalmente, há momentos em que você precisa levantar um pouco a voz. Na OMC, por exemplo, tivemos um confronto com a Europa a respeito do açúcar, mas ganhamos, e tivemos um



confronto com a União Européia, e ganhamos também. No princípio, nunca pensamos que ganharíamos, mas ganhamos. E também não seria possível antes de formarmos o G20.

Em vista dessas experiências, só posso sentar e contemplar a situação de importantes países do Sul, como o Egito, o Brasil, o México, a Índia, a China e a África do Sul, e o que significa para nós estar juntos no G20 e em outras organizações similares. Isso não nos torna muito mais capazes de competir?

No que se refere à União Européia, o problema é que, no início, estava preocupada em apoiar o desenvolvimento de suas nações-membro mais pobres, como a Grécia e Portugal. Esses países receberam grandes quantias em dinheiro e agora têm que apoiar os novos membros que foram admitidos na União Européia.

Isto me remete ao assunto da ALCA. Os Estados Unidos apenas querem negociar sobre assuntos que atendem aos seus interesses, como os serviços. Ele não quer negociar sobre assuntos que são de nosso interesse, como a produção agrícola. Temos alguns países muito pobres na América do Sul. Não vou nomeá-los, porque ninguém gosta de ser descrito como pobre. Esses países nunca poderão ir para frente a menos que os Estados Unidos mostre alguma compreensão pela necessidade de criar condições que permitirão que esses países tenham autonomia em nível regional.

O Brasil é um negociador-chave nas negociações com a ALCA e continuará a negociar o tempo que for preciso para conseguir o que é necessário. No entanto, o Brasil tem seus próprios interesses. A agricultura brasileira tem os seus próprios interesses. Os empresários brasileiros têm os seus próprios interesses. O mesmo se aplica a todos os outros países da América do Sul. Nada disso é direcionado contra os Estados Unidos, mas certamente significa endereçar os interesses do Brasil e de seus vizinhos.

Enquanto estivemos lidando com todos esses problemas nas negociações com a ALCA, tudo na América do Sul ficou paralisado. Mas hoje,



dentro do período de apenas um ano e meio, concluímos acordos de livre comércio com todos os países da América do Sul. Agora temos realmente uma zona de mercado livre cobrindo todo esse continente. Fomos muito além do que o Mercosul, e isto é muito significativo.

Tudo isso parecia impossível há tempos atrás. Mas nós tornamos realidade. Agora, estamos no processo de construir o que chamamos de um Grupo das Nações Sul-americanas. Estaremos muito mais fortes para ele.

Jornalista: Em 2003 tomamos a iniciativa de convocar um diálogo sul-americano-árabe, a primeira rodada do que será conduzido em maio, em nível de cúpula. Qual é sua opinião sobre o escopo e os objetivos desse diálogo? E o que o senhor espera dos Estados árabes para que esse diálogo seja frutífero e efetivo?

Presidente: Deixe-me mostrar-lhe uma coisa. (Lula se levanta e vai até um grande mapa do mundo que está pendurado no centro da sala de reunião, contígua a seu gabinete.). O problema é que nós ainda estamos na América Latina. (ele aponta no mapa.) A América do Sul nunca conversou com a América do Sul. Pelo contrário, ela iria aqui (ele aponta para os Estados Unidos) ou ali (ele aponta para a Europa). E os árabes, por sua vez, iriam aqui (ele aponta para a Europa novamente) e ali (ele aponta para os Estados Unidos). Nós não vemos o mapa do mundo como um todo. Por que nossa região olha para a sua do lado oposto do mapa, e por que vocês não olham para nós? Nós somos todos países em desenvolvimento e, como tal, há muito que precisamos fazer. Nós precisamos fazer muito para desenvolver a agricultura aqui, e precisamos investir muito no campo da ciência e da tecnologia, e precisamos contribuir muito para o aperfeiçoamento de nossas indústrias. Existe muito também a ser feito no campo da política social, e para fortalecer o intercâmbio de turistas entre os nossos países.



Quantos brasileiros sabem alguma coisa sobre as glórias da história egípcia? Para ir do Cairo para o Brasil, você deve primeiro parar em Paris. E para um brasileiro ir ao Cairo, ele deve primeiro ir até Paris, e muito provavelmente ele vai ficar lá. (ele ri.) Por que não estabelecemos uma linha direta de vôos entre dois países como o Egito e o Brasil, cuja população gira em torno de 70 a 180 milhões, respectivamente? Por que não estabelecemos parcerias entre nossos países, de forma a permitir que as pessoas desfrutem de seu direito de viajar? Quando um brasileiro tem a oportunidade de visitar o Museu Egípcio, ou ir visitar as pirâmides, ele se liga à história da civilização humana.

Nós devemos incentivar, em nossos povos, o desejo de conhecer um sobre o outro, sua herança humana comum. Todos nós falamos sobre os Estados Unidos da América, mas não falamos uns sobre os outros.

Esta cúpula nos dará a oportunidade de descobrir o potencial maciço disponível para nós, e especialmente nos dará a oportunidade de nos conhecermos melhor. Porque a política é, afinal, um relacionamento humano; um tipo de química que domina as interações humanas, e é isso que eu estava procurando quando convoquei para a cúpula. Queremos discutir nossas condições e como podemos nos ajudar mutuamente (este último é o principal objetivo).

Jornalista: Qual é sua avaliação do estado atual das relações bilaterais entre Brasil e Egito, e como esses laços poderiam ser reforçados em todos os níveis?

Presidente: As relações Egito-Brasil poderiam ser, incomparavelmente, mais poderosas, tanto no plano comercial quanto no cultural – precisamos acreditar nisso. Relações com os Estados Unidos não são tudo. Por exemplo, o teatro e o cinema no Brasil estão preocupados apenas com o que é produzido nos



Estados Unidos e na Europa. Eles falam muito pouco sobre o que acontece na China ou no Egito. Eles não falam sobre nós.

Quantos anos devem se passar para que o Egito tenha notícias do Brasil? E quantos anos para que o Brasil tenha notícias do Egito? Quem é responsável por retificar esta situação?

É exatamente por isso que estamos aqui, e os governos devem fazer um esforço nessa direção. Acredito nisso, é por isso que gastei uma parte considerável do meu tempo viajando não para países ricos, mas para países cujas condições são similares às nossas. Somente nos dois últimos anos, a quantidade de visitas que fiz aos países africanos excedeu a quantidade total de visitas feitas a eles por qualquer presidente brasileiro em toda a história do país.

Eu não tinha a menor idéia da grandeza do Egito. Não sabia nada sobre como era o Cairo. E quando cheguei lá, encontrei um país cheio de vitalidade, com imensas capacidades.

Isso é o que torna a cúpula tão primordialmente importante. Minha esperança é que todos os líderes árabes venham até aqui, e que nós todos trabalhemos para nos ajudar a visualizar completamente as enormes possibilidades que o presente século nos apresentam, e que nós o faremos o nosso século. Porque, se o século passado foi o século da Europa e da América, vamos fazer do próximo século o nosso. Porém, devemos acreditar na possibilidade de alcançar esse objetivo, porque se nós falharmos em acreditar nessa possibilidade, ela nunca se realizará.

Jornalista: O que Brasil e Egito devem fazer para melhorar suas relações, com o objetivo de atingir essas metas?

Presidente: Em 2003, o volume de nossas exportações para o Egito foi de \$623 milhões; esta situação não deve persistir, porque nós queremos relações



comerciais mais equilibradas com o Egito. Queremos que nossas importações sejam iguais às nossas exportações, de forma que nossos dois países cresçam juntos. Isso é algo que precisa ser discutido e precisamos dispender mais esforços na sua pesquisa.

O Egito tem um papel político extremamente vital no Oriente Médio, e é isso que dá a nossas relações uma vantagem especial. É por isso que estou fazendo tudo o que posso para desenvolver essas relações. E deixe-me aproveitar esta oportunidade para repetir meu convite ao Presidente Mubarak para vir ao Brasil participar da cúpula. Espero que ele esteja aqui entre nós, no Brasil, para expressar a força do Egito, diretamente. Egito é a luz do Oriente Médio; por favor, nos deem um pouco de sua luz.

(\$31DHJMP)